



A próxima geração de profissionais de saúde

(resumo de sessão realizada a 16 de Janeiro de 2017 na Reitoria da Universidade Nova de Lisboa)

A sessão dedicada à discussão sobre o futuro da formação em saúde centrou-se sobretudo na profissão médica, uma vez que é a única das principais profissões da saúde que está presente na Universidade Nova de Lisboa ao nível de licenciatura ou mestrado integrado, sendo há muitas formações, em várias unidades orgânicas, que completam e desenvolvem a formação profissional e a especialização de diversas profissões da saúde. Embora a discussão se centre, por esse motivo, na medicina, muitas das ideias, desafios e possíveis soluções são claramente transportáveis para o contexto de outras profissões na área da saúde.

Os diversos intervenientes apresentaram diferentes visões sobre a formação dos profissionais da saúde que não foram divergentes. A complementaridade entre as perspectivas apresentadas permite construir uma imagem mais completa dos desafios que se colocam.

A necessidade de uma mudança de paradigma relativamente à saúde e à doença, sendo que as mudanças na formação são sempre lentas, foi comum às intervenções realizadas. Essa mudança

de paradigma resulta da evolução na informação disponível, em que esta última cresceu de modo muito acentuado como resultado de uma maior compreensão dos mecanismos biológicos e do desenvolvimento de tecnologias para a sua análise. Outro elemento da mudança de paradigma é o crescente papel da investigação clínica como aspecto crucial do progresso tecnológico na área da saúde (identificando necessidades para a investigação básica e oportunidades para a aplicação de novos conhecimentos em benefício dos doentes das novas descobertas científicas).

Uma terceira característica é uma cooperação mais estreita entre a academia, a indústria e as entidades prestadoras de cuidados de saúde.

Assim, surgiram naturalmente as referências a novas competências que deverão estar presentes nos médicos do futuro (sendo algumas delas igualmente aplicáveis a outras profissões de saúde): empreendedorismo e carreiras profissionais diversificadas e partilhadas entre instituições, competências de comunicação, trabalho em equipas multidisciplinares e transdisciplinares e algum conhecimento de ciências sociais, bem como o domínio do que é a análise das diversas ómicas (proteómica, transcriptómica, metabolómica e genómica) e dos instrumentos de bioinformática associados.

Neste processo existem desafios associados com ultrapassar barreiras culturais no relacionamento entre profissionais de diferentes formações base, e desafios institucionais. Para estes últimos, as universidades e os seus parceiros no campo da saúde terão que definir mecanismos e procedimentos novos de relacionamento.



As carreiras futuras dos profissionais de saúde terão componentes de passagem pela academia e pelas organizações que prestam cuidados de saúde e/ou indústria. Tradicionalmente estes movimentos de passagem entre sectores eram apenas num sentido e raros. O aumento da sua frequência e nos dois sentidos, de e para a academia, tem exigências de organização próprias. Uma evolução de carreira poderá envolver facilmente um período de formação base, trabalhar num prestador de cuidados de saúde, regressar à academia para formação avançada (doutoramento, por exemplo) e por fim presença simultânea na academia (com atividades de ensino e investigação) e em entidades de prestação de cuidados de saúde (ou indústria). Mesmo sem uma classificação exaustiva dos desafios presentes, é possível identificar que a universidade terá que valorizar e avaliar estes profissionais de modo distinto da tradicional carreira académica, enquanto as entidades exteriores à universidade onde trabalham terão que compreender a importância de acarinhar e promover essa presença na academia (nomeadamente através de tempo concedido para esse efeito). Mas o desafio não está em reconhecer estes elementos. O desafio encontra-se na capacidade de estabelecer mecanismos institucionais que retirem ao profissional da saúde toda a carga burocrática e emocional de gerir as diversas relações profissionais. O enquadramento institucional deverá substituir-se, no que for possível, ao esforço individual de enquadramento das várias atividades desenvolvidas pelos profissionais de saúde que estejam em carreira partilhada. As relações de parceria interinstitucional terão que criar os mecanismos de gestão destas carreiras partilhadas.

A mudança de paradigma far-se-á sentir também na estrutura da formação dos profissionais de saúde. No caso concreto da medicina, em que consoante os países, o ciclo de formação poderá ir de 10 a 15 anos, adicionar mais elementos curriculares não parece possível. Assim, terá que existir a procura de outras soluções. Possibilidades são a redefinição de conteúdos existentes, com redução de detalhe que permita a inclusão de novos assuntos, a promoção da

formação ao longo da vida, de acordo com o ritmo de necessidades que os profissionais de saúde venham a sentir, e o relacionamento com especialistas de outras áreas. Aliás, a mudança de paradigma poderá dar origem ao surgimento de novas profissões ligadas ao sector da saúde, com as quais será necessário estabelecer relacionamentos de trabalho complementar. As escolas médicas terão que preparar os futuros médicos para trabalhar num ambiente crescentemente complexo, e sobretudo diferente do atual no que respeita à informação disponível, crescentemente digitalizada, para os profissionais de saúde e para os doentes. A quantidade de informação disponível será imensa, e a capacidade de decidir e agir com base nela terá que ser treinada. A informação só tem valor se gerar conhecimento que leve a ações com melhores resultados. A capacidade de julgamento e de decisão aperfeiçoa-se com a prática, mas pode ser ajudada com o desenvolvimento de competências de pensamento crítico, análise matemática e literacia computacional (incluindo eventualmente alguma capacidade de programar).

A identificação destes aspectos não é em si mesma totalmente nova, podendo-se encontrar variantes destas ideias em documentos de organismos internacionais que abordaram estes desafios.

As principais implicações para próximos passos por parte da Universidade Nova de Lisboa são simples de enunciar: a) adaptação progressiva dos programas curriculares, introduzindo aos alunos de medicina as novas áreas de conhecimento e possivelmente introduzindo as oportunidades existentes no campo da saúde na formação dessas outras áreas; b) necessidade de preparar os futuros profissionais das várias áreas para o trabalho multidisciplinar na saúde; c) gerar os mecanismos organizacionais que permitam carreiras partilhadas, conceito a ser definido de forma precisa, exigindo um relacionamento a nível institucional que retire ao profissional de saúde o fardo burocrático e emocional de gerir duas (ou até mais) relações profissionais simultâneas.

